

Pânico e hegemonia: ideologia neoliberal e discurso da securitização nas redes sociais¹

Mateus de Almeida Alves²

Resumo expandido

O conceito de “rede social”, amplamente reconhecido e longe de representar uma entidade homogênea e unificada, compreende uma variedade de tecnologias, plataformas e estilos de comunicação, cada um com suas peculiaridades e audiências específicas. Algumas das redes sociotecnológicas mais proeminentes, como o X (ex-Twitter), estabeleceram-se como os principais meios de comunicação política *online*, amplamente empregados por atores governamentais para a disseminação de políticas e iniciativas, para a promoção de debates e, inerentemente, para a afirmação e reforço de posições ideológicas em um contexto global cada vez mais polarizado.

Não é surpreendente, portanto, que essas plataformas concebidas e popularizadas por empresas do setor digital (conhecidas como *Big Techs*) desempenhem papel e função que extrapolam os períodos pacíficos da humanidade, encontrando aplicabilidade nos tempos contemporâneos, marcados pela intensificação dos conflitos entre nações e pela crescente securitização – ou a transformação de temas publicamente debatidos em ameaças existenciais – dos mais diversos aspectos e dimensões da vida humana. Um dos seus usos primários é como instrumento no estabelecimento de uma “política do pânico”, que leva à securitização de variadas questões em tempos relativamente pacíficos. Similarmente, a Internet e suas subredes têm sido instrumentalizadas para nortear a opinião pública e tentar consensos em torno das ações das partes

¹ Trabalho apresentado no Eixo C - Estratégias comunicacionais em eventos climáticos extremos - Jornalismo de dados, ética da informação, fake news e crise dos pontos de vista centrais do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

² Estudante do 2º semestre do Mestrado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: mateusalves@gmail.com.

beligerantes em tempos de conflito. Esse uso específico é observado desde sua fase inicial, através de *blogs* e sistemas de mensagens instantâneas, na guerra nos Bálcãs ao final do século XX³.

Como exemplo mais atual, no conflito corrente entre Rússia e Ucrânia esse cenário não se mostra divergente. A partir da escalada russa e da subsequente invasão em fevereiro de 2022, as redes sociais adentraram um estado prolongado de agitação, espelhando os sentimentos de polarização evidenciados em inúmeras questões político-sociais dos tempos recentes (Krikovic; Sakwa, 2022). Tal fenômeno pode ser corroborado pelos dados que indicam que, nos primeiros dias do conflito, as hashtags *#Russia* e *#Ukraine* registraram, respectivamente, 37,2 bilhões e 8,5 bilhões de visualizações na plataforma TikTok.

Meses após o desencadeamento do conflito, tornou-se evidente a proliferação de uma considerável quantidade de memes, vídeos virais e outras formas de conteúdo publicado, os quais têm gerado um significativo engajamento nas redes sociais. Assim, o *front* foi transportado para o domínio virtual, onde as partes beligerantes disputam ativamente a narrativa do conflito e procuram estabelecer o consenso popular acerca da legitimidade de suas respectivas ações. (Hoskins; Ford, 2023).

De modo semelhante, os ataques perpetrados pelo Hamas em território israelense em 7 de outubro de 2023 suscitaram significativa reação e engajamento nas redes sociais. Nos primeiros dias, notou-se a predominância de vozes virtuais expressando solidariedade às vítimas israelenses. Contudo, os incessantes bombardeios em Gaza, acompanhados pela alegada violação das leis humanitárias internacionais e pelo ressurgimento de uma retórica sionista mais enérgica, atuaram como catalisadores na mudança de percepção nas redes sociais. Isso tornou o *front* virtual componente essencial nas estratégias dos envolvidos no conflito. Um exemplo notável dessa dinâmica é a considerável quantia em dólares, na casa dos milhões, investida pelos israelenses em campanhas de anúncios no YouTube após 7 de outubro, visando angariar apoio da opinião pública ocidental (Martin; Goujard; Fuchs, 2023).

Em um outro cenário recente marcado por intensa securitização, o da emergência pandêmica da Covid-19, as redes sociais desempenharam um papel crucial na disseminação e na implementação de políticas destinadas ao enfrentamento do coronavírus. Paralelamente, de

³ <https://www.wired.com/1995/11/zamir/>

maneira passivamente malévola, essas plataformas serviram como veículo para amplificar discursos delirantes e negacionistas, proferidos por diversas autoridades governamentais e grupos contrários à ciência em geral. Tal fenômeno representou uma absurda tentativa de minimizar a ameaça representada pela pandemia que resultou em milhões de mortes em todo o mundo.

A partir dos exemplos mencionados anteriormente, torna-se evidente a função primordial que as redes sociais desempenham na disseminação, amplificação e fortalecimento do discurso securitizador. Pioneiramente estudados por acadêmicos associados à Escola de Copenhague (EC), notadamente Barry Buzan e Ole Wæver, o discurso e a comunicação política foram levados ao cerne das pesquisas sobre segurança. A EC colocou em destaque o processo de securitização de ameaças existenciais (reais ou não) sob a perspectiva linguística, analisando o processo que tem como característica principal transcender o âmbito da política (ou, nas palavras de Wæver (1995), a instalação da “política do pânico”).



Figura 1: o processo de securitização segundo a Escola de Copenhague. Fonte: autor.

Segundo a EC, o discurso do agente securitizador (que, normalmente, pertence à elite política de um país) por si só tem a capacidade de reescalonar uma questão de tratamento politizado ou não para a esfera da securitização (Motta, 2018). Deve-se deixar claro, contudo, que a ameaça securitizada transcende o mero espectro político-militar dos Estados-Nações (principal objeto dos estudos de segurança clássicos) ao se estender para ameaças reais, como a crise climática, ou controversas, como a chegada em massa de imigrantes da África e do Oriente Médio em solo europeu a partir de meados da década passada.

No processo descrito por Buzan e Wæver (1995), a tomada de medidas excepcionais ocorre mediante processo “de cima para baixo” e conta com pelo menos quatro elementos, que a definem

como tal: objeto referente, agente securitizador, ato de fala e audiência. Buscando ampliar esse entendimento da EC, agregando teorias e pesquisas sobre securitização e comunicação mais contemporâneas, a presente pesquisa, sendo realizada pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, sob orientação do Prof. Dr. Eugênio Rondini Trivinho, propõe ampliar o estudo sobre as dinâmicas do discurso securitizador até o âmbito das redes sociais, destacando, principalmente, os posicionamentos ideológicos e a hegemonia neoliberal que podem ser observados nesse discurso.

Para tal, a pesquisa prevê análise quali quantitativa do discurso relacionado a casos de securitização no ambiente das plataformas digitais. Além de atenta às metodologias de análise do discurso propostas por autores como Foucault (1996), Lindgren (2016) e Maingueneau (1997), essa análise será alavancada por ferramentas de *web scraping* e análise de dados, com foco específico nas dinâmicas de usuários baseados no Brasil e no papel exercido por agentes amplificadores do discurso securitizador, como imprensa corporativa, influencers, lideranças políticas e organizações não-governamentais (ONGs).

No sentido de fortalecer a compreensão sobre as forças que impulsionam essas dinâmicas, a pesquisa considera similarmente essencial definir o contexto global atual, demarcando claramente o alinhamento quanto à ideologia dos discursos dos agentes mencionados em relação ao confronto ontológico entre Ocidente e Sul Global.

Pesquisadores da Universidade de Moscou, na Rússia, e da Universidade de Kent, no Reino Unido, respectivamente, Andrej Krikovic e Richard Sakwa argumentam que a interpretação adequada do conflito entre Rússia e Ucrânia, anteriormente citado, ocorre somente diante de um entendimento sobre esse choque ontológico, que coloca em embate “diferentes representações das mecânicas da política internacional e representações da ordem global” (2022). Outro autor que reforça o papel fundamental do conflito no parto de nova ordem mundial pós unipolaridade é o filósofo italiano Maurizio Lazaratto, que trata extensivamente do assunto em sua obra mais recente *O que a guerra da Ucrânia nos ensina* (2023).

Assim, observando os exemplos já citados, a pesquisa tem como clara a função do discurso em torno da securitização de entrelaçar-se com perspectivas ideológicas, moldando agendas políticas internas e externas ao redor do mundo (Žižek, 1996). Com o recrudescimento das divisões político-ideológicas entre Ocidente e Sul Global, é possível observar a complexa relação entre o

discurso dos agentes securitizadores, a audiência deste discurso e a polarização político-conceitual em escala mundial.

Nas redes sociais, a reprodução e amplificação desse discurso ocorre rápida e eficientemente. Em tempos de pós-verdade e de *fake news*, a securitização de diversas questões transformou-se em instrumento cada vez mais utilizado para facilitar a propagação de agendas políticas, em especial as mais extremistas. O Brasil, um dos principais palcos mundiais de aprofundamento desses extremismos, não passa ileso quanto à instrumentalização das redes em processos securitizadores com os mais diversos alvos – entre eles, a destruição da Floresta Amazônica e os supostos “ataques à liberdade de expressão” realizados pelo STF.

Outro aspecto trazido pelas redes sociais é a alteração da dinâmica do próprio discurso de securitização. (Umansky, 2022). A instantaneidade audiovisual proporcionada por plataformas como TikTok e Instagram (com sua função de *stories*), em que pese a fragmentação da política proporcionada pelas redes sociais, trabalha no sentido de fortalecer a homogeneização dos atores no processo securitizador. Colocando a própria população no centro do discurso, quebra-se a lógica da “audiência passiva”, que, segundo a Escola de Copenhague, “aceitava” ou não a necessidade de se securitizar as ameaças.

O mundo pós-2016 também trouxe o aspecto final a ser analisado pela pesquisa: a distribuição político-conceitual dos discursos nas redes sociais. Os espectros à direita e à esquerda estabeleceram, desde o final do século XIX até recentemente, sua definição consagrada e aspectos que os caracterizavam como tal. Todavia, as tendências sociopolíticas do mundo atual trazem consigo um sintomático esfacelamento das divisões clássicas entre esquerda e direita, inclusive em seus traços adjacentes. Continuando com o exemplo da guerra entre Rússia e Ucrânia, nas publicações virtuais relacionadas ao conflito é possível observar um posicionamento ambíguo dos atores quanto aos lados políticos clássicos. Nos discursos amplamente difundidos nas redes sociais desde 2022, é perceptível o apoio de setores partidários de esquerda ao governo de Vladimir Putin, de caráter conservador, capitalista e autoritário, antítese das pressuposições progressistas e libertárias (Pomerantsev, 2019), antes identificadas com a esquerda e a extrema-esquerda.

Com isto, não é possível deixar de perceber que ocorre, em paralelo e com influência sobre essas fugas à fidelidade ideológica, o aprofundamento do choque ontológico entre países do Ocidente e do Sul Global. O primeiro grupo, composto por Estados Unidos, Canadá, União

Europeia (UE), Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia, representa a hegemonia unipolar neoliberal, pretensamente estabelecida após o término da Guerra Fria. Quanto ao Sul Global (Stuenkel, 2021), reconhecem-se as nações com economias em desenvolvimento, lideradas pelos BRICS+, sigla originalmente formada por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, Estados com sistemas político-ideológico distintos. Ponto comum entre esses países é o crescente descontamento com a hegemonia dos Estados Unidos e seus aliados e, em especial, com a dominância do dólar estadunidense como moeda mundial. As duas visões de mundo, dialéticas, são refletidas nos discursos nas redes sociais. Nesses ambientes, atores ligados a certo espectro defendem pautas políticas e governos da vertente adversária.

Seguindo, assim, as propostas acima colocadas para melhor entender os processos político-comunicacionais no mundo atual, resulta importante para a pesquisa expandir teorias e estudos sobre a segurança num mundo onde as redes sociais comparecem amplamente difundidas. A estrutura explicativa proposta pela Escola de Copenhague para a análise do discurso securitizador data de 1995, quando o mundo era bastante diferente do atual. A pesquisa se propõe, portanto, a ampliar a literatura sobre o objeto de estudos, subteorizado por acadêmicos do campo, e a lançar luz nos modos pelos quais a democracia e o Estado moderno têm sido corroídos por forças conservadoras e anti-humanistas.

Palavras-chave

Redes sociais; securitização; pânico; ideologia; sul global

Referências

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: a new framework for analysis**. Boulder: Lynne Rienner, 2013.

CARVALHO, Gustavo de. Global south: the “rest” vs. the west? In: **ISPI**. 2023. Disponível em: <https://www.ispionline.it/en/publication/global-south-the-rest-vs-the-west-157988>. Acesso em: 6 maio 2024.

DOWNING, Joseph. **Critical security studies in the digital age: social media and security**. Cham: Palgrave Macmillan, 2023

FORD, Matthew C.; HOSKINS, Andrew. **Radical war: data, attention and control in the twenty-first century**. New York, NY: Oxford University Press, 2022.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

KLEIN, Naomi. **Doppelganger: a trip into the mirror world**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2023.

KRICKOVIC, Andrej; SAKWA, Richard. War in Ukraine: The Clash of Norms and Ontologies. **Journal of Military and Strategic Studies**, V. 22, n. 2, p. 89-109, 2022. Disponível em: <https://jmss.org/article/view/76589>.

LINDGREEN, S. Introducing Connected Concept Analysis: A network approach to big text datasets. **Text & Talk**, v. 36, n. 3, p. 341-362, 2016. Disponível em: DOI: <<https://doi.org/10.1515/text-2016-0016>>. Acesso em: 29 set. 2023.

LAZZARATO, Maurizio. **O que a guerra da Ucrânia nos ensina**. São Paulo: N-1, 2023.

MARTIN, L; GOUJARD, C.; FUCHS, H. Israel floods social media to shape opinion around the war. **Político**. Outubro de 2023. Disponível em <https://www.politico.eu/article/israel-social-media-opinion-hamas-war/>.

MOTTA, Barbara V. C. **Securitização e política de exceção: o excepcionalismo internacionalista norte-americano na Segunda Guerra do Iraque**. São Paulo: ed. Unesp, 2018

PLAW, Avery; GURGEL, Barbara Carvalho; PLASCENCIA, David Ramírez (Org.). **The politics of technology in Latin America. Volume 1: Data protection, homeland security and the labor market**. London; New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2021.

POMERANTSEV, Peter. **This is not propaganda: adventures in the war against reality**. New York: PublicAffairs, 2019.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental: potências emergentes e a nova ordem global**. São Paulo: Zahar, 2021.

UMANSKY, Natalia. Who gets a say in this? Speaking security on social media. **New Media & Society**, [s. l.]. 2022. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14614448221111009>. Acesso em: 11 maio 2024.

ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.